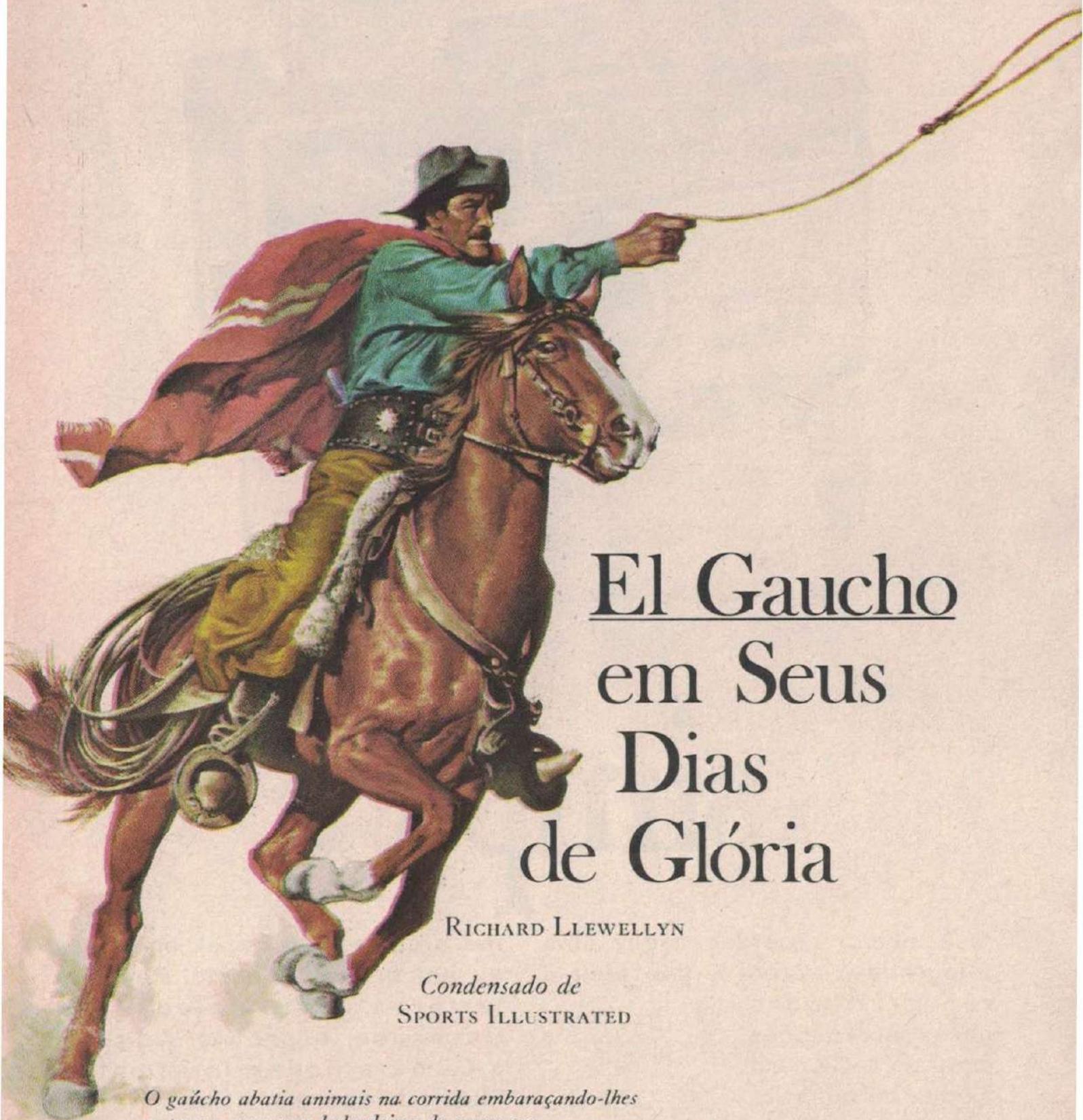


Talvez nenhuma outra raça de homens nos tempos modernos vivesse uma vida tão independente como êstes fanfarrões cavaleiros errantes dos pampas.



El Gaucho em Seus Dias de Glória

RICHARD LLEWELLYN

Condensado de
SPORTS ILLUSTRATED

O gaúcho abatia animais na corrida embaraçando-lhes as pernas com suas boleadeiras de couro cru



HÁ CÊRCA de 10 gerações, nasceu na América do Sul uma nova raça de homens, de pais espanhóis e mães índias. Da mescla de iberos, celtas, romanos e mouros do conquistador e de guaranis, araucanos e outros tipos de índios pelo lado feminino, surgiu uma raça tão misteriosa como seu nome, *el gaucho*, que talvez signifique “ór-fão”, ou talvez não, ninguém sabe.

O gaúcho era criado para a sela, os céus e os pampas, que era como êle chamava o espaço. Vagueava ao léu, não reconhecendo ninguém como seu senhor; sempre cavaleiro errante, jogador demoníaco, devotado pastor e vaqueiro e o melhor dos cavaleiros; batalhador desesperado, contador de histórias fantásticas, amigo firme e amante inconstante.

A razão do respeito infundido geralmente pelo gaúcho pode ser vista enfiada no seu cinturão. O *facón* é usado atrás das costas, com o cabo inclinado ao alcance fácil da mão direita, numa bainha de prata trabalhada e contendo uma lâmina de uns 45 cm de comprimento. Essa lâmina de dois gumes nunca é amo-

lada numa distância de quatro dedos da espiga (a fim de dar melhor ponto de apoio para aparar postes e cortar arame), mas é hábil e carinhosamente afiada daí até à ponta. Num luta, o gaúcho nunca usava o *facón* apenas para golpear. A lâmina era feita para estripar o adversário. Qualquer outra coisa estaria abaixo da sua dignidade. Considerava o revólver uma arma efeminada. O gaúcho tinha de enfrentar um homem como homem, à distância de uma lâmina.

Da cabeça aos pés, a maioria do que o gaúcho vestia era como defesa contra o *facón*, e só trajava aquilo que sua mulher podia tecer ou que sua faca e habilidade podiam conseguir para si. Seu chapéu provinha diretamente do feltro de abas largas do conquistador. Deixava-lhe a copa alta porque protegia do sol, mas virava para baixo a aba na parte de trás, para proteger o pescoço, e para cima na frente, pois de qualquer maneira havia o *pampero*, que ventava a 100 quilômetros por hora, semanas a fio, que o esbatia e vincaava permanentemente. Sob o chapéu êle usava uma espécie de lenço amarrado em tórno da cabeça e do pescoço para proteger o cabelo contra o pó e a areia que flutuavam no ar.

Uma camisa comprida era enfiada

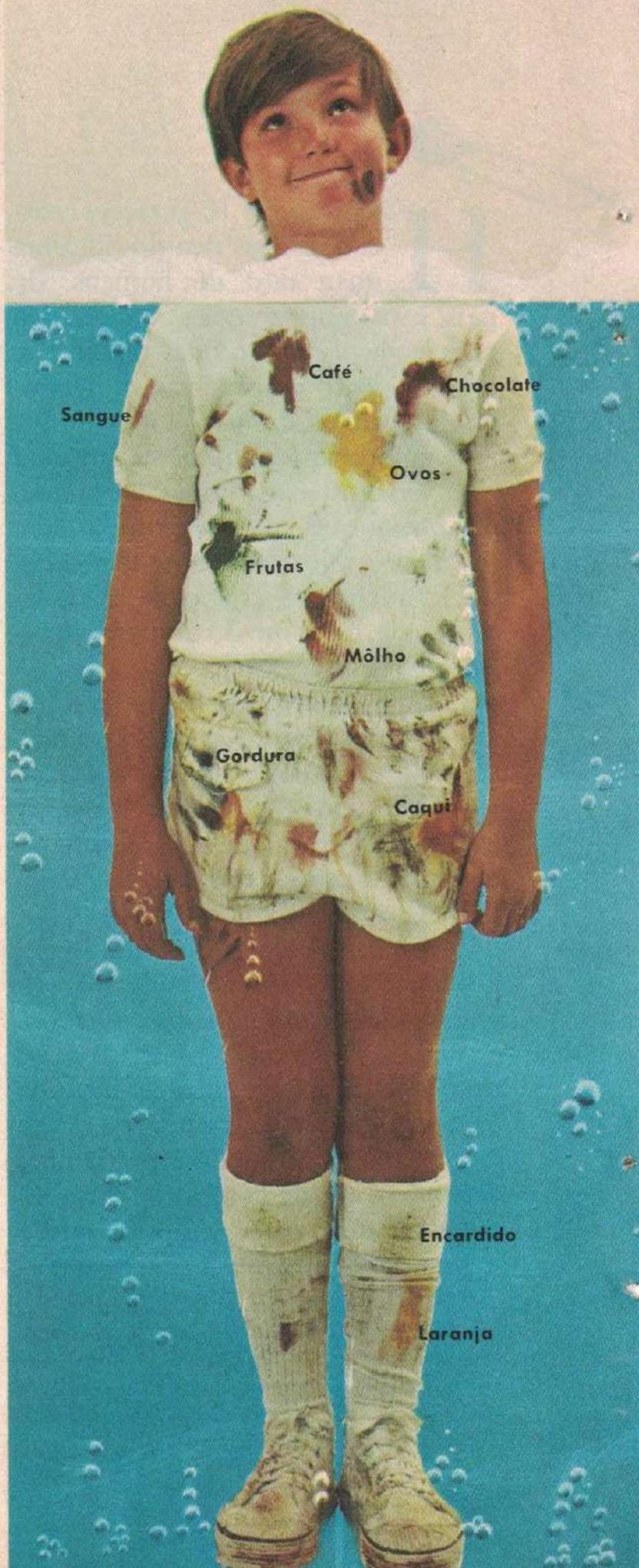
RICHARD LLEWELLYN, autor galês de *Como Era Verde o Meu Vale*, enamorou-se da Argentina quando, em 1949, visitou as colônias galesas da Patagônia. As continuações de seu livro passam-se ali: *Up, into the Singing Mountain e Down Where the Moon Is Small*.

por dentro das calças largas chamadas bombachas, muitas vezes bordadas por suas mulheres. O *chiripá* era uma tira de pano retangular usada como uma fralda por cima das bombachas, com uma das pontas passada por entre as pernas e mantida ao redor da cintura por uma faixa larga. Prendendo tudo isso, um cinturo de couro grosso tachonado com moedas e terminando num fivelão maciço de prata.

Cobrindo tudo havia ainda o poncho, um grande quadrado com uma fenda no meio por onde êle podia enfiar a cabeça. Era tecido com lã de lhama, guanaco ou carneiro, muitas vezes com côres e padrões que indicavam sua procedência. O poncho era o seu orgulho, capa de chuva, cobertor. Era também arma de combate, parceiro firme do *facón*. Tirava-se com facilidade e as dobras envolviam rapidamente o antebraço esquerdo enquanto se sacava o *facón*. Os lutadores davam voltas, fintando, tentando uma estocada nos antebraços acolchoados ou usando as dobras para embotar o gume de uma pontada bem dada.

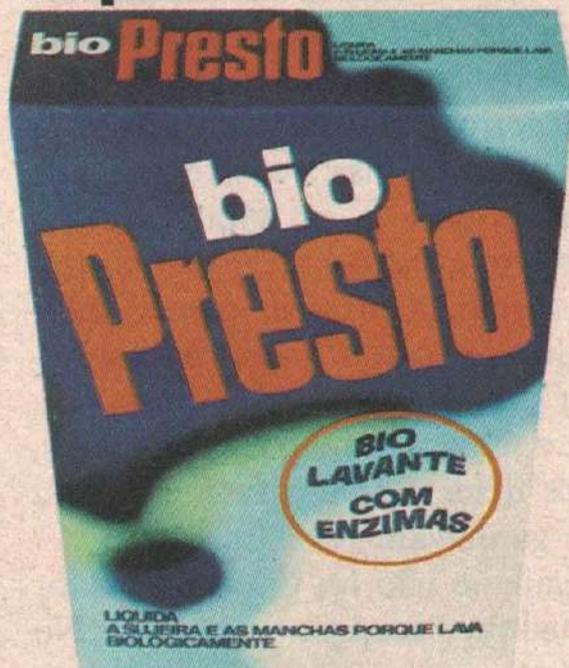
O único fiel companheiro do gaúcho era o cavalo. Seus arreios eram sempre o melhor que êle podia fazer ou comprar. As rédeas, o pingalim e o laço eram de couro cru trançado, com pontas, nós, botões e medalhas de prata. Seus estribos de dias de festa eram freqüentemente de prata maciça. A sela, que êle mesmo fazia de madeira e forrava com peles de carneiro, era mais confor-

Antes.



Depois.

Antes havia
uma sujeira impossível.
Depois Bio Presto
liquidou com ela!



Você lavava a roupa manchada como na figura ao lado e a sujeira não saía. Era uma sujeira impossível. Hoje você pega Bio Presto e liquida com o encardido e as manchas. Bio Presto tem enzimas nesses grânulos verdes. Você põe a roupa de molho e deixa no mínimo 4 horas ou a noite toda, sem alvejantes, sem água de lavadeira. Que milagre aconteceu? As enzimas dos grânulos verdes desprenderam todo o encardido e as manchas. Você enxágua, dando uma leve esfregadinha, e fim da sujeira impossível! Veja a roupa ao lado.

As enzimas é que tiram o encardido e as manchas.



Desprendendo as manchas no molho.



Tôda a roupa, de todo dia.



tável do que muita poltrona, e era provavelmente o único estofamento capaz de tornar suportável andar a cavalo sem parar 15 horas ou até mais por dia, dia após dia. O gaúcho montava um garanhão, e mal os filhos, meninos ou meninas, saíam do berço, era um garanhão que êle lhes dava. Um homem montado numa égua revelava-se pobre de dinheiro, mas ainda mais pobre de coragem. As éguas só serviam para procriar.

O gaúcho raramente usava o chicote, corda ou esporas num potro. Treinava com as mãos e a voz. Passava-lhe as mãos pela cabeça, pescoço e peito e pelas patas abaixo, sussurrando, conversando, cantarelhando, até que o potro o conhecesse pelo tato, o som, a vista e o cheiro, e a confiança era absoluta. Durante as guerras com os índios houve muitos casos em que os prisioneiros, com os pés e as mãos amarrados a uma travessa de madeira enfiada pelos braços atrás das costas, eram lançados em poços fundos. O cavalo seguia o dono, esperava o cair da noite, entrava no poço, roía o couro cru até soltá-lo, ajoelhava para permitir que o homem com as pernas dormentes se escarranchasse no seu lombo e fugia silenciosamente das linhas inimigas. Pode parecer história da carochinha, mas os registros aí estão.

Cavalos nunca eram amarrados nem peados durante a noite. Seu direito de serem livres, de comerem e beberem à vontade, era respeitado.

De manhã, a montada podia estar a quilômetros do acampamento, mas o gaúcho nunca reclamava a caminhada que tinha de dar. Embora considerasse completa fraqueza demonstrar tristeza pela perda de um parente ou amigo, êle pranteava a morte do cavalo enquanto seu dinheiro desse para comprar vinho.

As refeições eram simplesmente massa cozida nas brasas e pedaços de carne de vaca ou de carneiro assados em um espêto, e o gaúcho raramente comia mais de duas vêzes por dia. Era, entretanto, um comedor de carne e devorava uns dois quilos em cada refeição. Uma dieta constante de carneiro e pão talvez apavore os nutricionistas, mas a erva-mate que êle bebia era rica em vitamina C, o vinho proporcionava ferro e, de qualquer forma, a história parece mostrar que enquanto o gaúcho permaneceu nos pampas viveu uma vida longa e sadia. Com 80 e tantos anos, muitos dêles ainda saltavam para a sela e ganhavam corridas.

O gaúcho não foi um trabalhador em qualquer acepção industrial. No momento em que visse que o que estava fazendo tinha jeito de trabalho, dirigia-se para o seu cavalo. Dizem que o galope foi inventado quando o gaúcho pela primeira vez deu uma boa olhada ao trabalho. Mas como vaqueiro, pastor, rastreador ou guia, o gaúcho não tinha igual. Os animais faziam parte dêle tanto quanto sua família. Encarregado de uma manada, êle era pago por animal entregue em pé. Por um rebanho de

carneiros, êle recebia tanto por um certo número, mais alguns carneiros extras para comer no caminho. Era honesto. Tinha de ser—ou então lutar. Nos tempos em que não existia polícia, o *facón* era o único árbitro.

As distâncias a serem vencidas às vêzes levavam meses. Era para êle motivo de orgulho e de divertimento viajar a uma velocidade tal que lhe permitisse chegar aonde era mandado exatamente na hora, com os animais pesando o mesmo ou mais do que quando êle os recebera. Através dos campos, com pouca alimentação e água, êle planejava com o máximo cuidado a rota que poupasse a seus animais o máximo de fadiga. Como uma sêca prolongada ou inverno gelado podiam matar milhares de cabeças, o gaúcho podia valer muitas vêzes seu pêso em ouro, pois conhecia os lagos, rios e lagoas que nunca secavam no verão mais quente, e as florestas e taquarais que no pior inverno forneciam forragem e abrigo.

Mas êle aceitava a paga que lhe ofereciam e punha mais algumas moedas em seu cinto ou então comprava alguns cavalos, ou ia até ao mais próximo boliche—um tipo de bar misturado com loja que vendia vinho de barril e os artigos simples de que êle precisava. Onde o vinho corria era sempre local de encontro de velhos amigos, centro de notícias, casa de jôgo, arena e liça de brigas. A maioria dos boliches era construída com três paredes de taipa, telhado de palha e uma varanda, um

Você Pode Ajudar a Reabilitar uma Pessoa Cega

A FUNDAÇÃO PARA O LIVRO DO CEGO NO BRASIL, levando avante seu programa de promoção do bem estar das pessoas cegas, instalou em novembro de 1962 o primeiro Centro de Reabilitação de Cegos do Brasil. Pelo C.R., R. Domingos de Moraes, 2494 - SP, já foram reabilitados 183 cegos, que receberam treinamento nas atividades da vida diária, uso dos sentidos, técnica de locomoção, fisioterapia, comunicação e terapia ocupacional. Foram auxiliados pelo Serviço Social a enfrentar as limitações decorrentes da condição de cegueira e, pela orientação profissional, a formular planos de trabalho. Aprenderam o sistema braille e a datilografia, bem como a fazer bom uso da audição, do tato, do olfato e da percepção espacial. Foram treinados no uso técnico da bengala longa e nas técnicas básicas para o funcionamento independente e adequado. Assim, são capazes de banhar-se, barbear-se, maquilar-se, servir-se de alimentação e utilizar adequadamente os talheres. Melhoraram as condições físicas gerais, corrigiram vícios de postura e adquiriram equilíbrio no caminhar. Presentemente estão aptos a levar vida independente e digna, sendo capazes de prover sua subsistência e a de seus dependentes.

Para que outros cegos tenham a mesma oportunidade, a F.L.C.B. precisa de você. Ofereça sua contribuição à FUNDAÇÃO PARA O LIVRO DO CEGO NO BRASIL, Rua Dr. Diogo de Faria, 558 - Vila Clementino - SP - Capital.

balcão de tábuas e pau para amarrear cavalos. A parede que faltava permitia que uma boa corrente de ar varresse a fumaça da lareira. Mais importante que isso, ela dava espaço bastante para o *facón* sair da banha e para os fregueses se espalharem e ficarem bebendo ao ar livre sem perderem uma gôta do vinho.

O gaúcho era capaz de beber ou jogar até ficar devendo os ganhos de vários meses a frente, pagando com juros de mil por cento. Era capaz de apostar corridas, saltar obstáculos, tentar enfiar um prego numa argola de cinco centímetros pouco acima da sua cabeça em pleno galope, ou galopar ao longo de uma fila de estacas da altura dos estribos, separadas uma das outras por um corpo de cavalo, e tirar chapéus colocados nelas, ganhando as apostas se tirasse todos êles e perdendo tudo se errasse ou deixasse cair um único chapéu.

Como muitas vêzes êle apostava tudo o que tinha de uma só vez, podia perder os salários de anos em poucos momentos—inclusive roupas, animais e mulheres—ou podia sair dali com uma fortuna. Mas o gaúcho sempre devolvia a um jogador derrotado roupa suficiente para preservar sua dignidade, e dinheiro suficiente para comprar o mínimo de comida para uma semana—porque as maldições de um homem faminto trariam má sorte.

Por ironia, as três qualidades fundamentais do gaúcho—honestidade,

capacidade intrínseca para lidar com animais e conhecimento do espaço—foram os três fios do laço que afinal o liquidaram. Carneiros e gado produzem dinheiro. Investimento significa propriedade e mapas. E limites. Talvez a raça de desportistas de menor duração da História tenha sido sufocada pela cêrca de arame.

As trilhas por onde seus pais cavalgaram foram fechadas. Garanhões bem adestrados tomavam demasiado do tempo moderno para procriar e treinar. Os cavalos cederam lugar aos pôneis. Viam-se homens montando éguas. O boliche passou a ter uma quarta parede e um balcão que vendia refrigerantes. Os filhos do gaúcho iam trabalhar por salário mensal. Em vez de poncho êles usavam casaco de couro e boné em vez do chapéu do gaúcho, e o *facón* ficou do tamanho de um canivete que raramente servia para algo mais do que abrir latas.

O gaúcho seguiu o caminho do Ford de Bigode. Há ainda alguns na estrada como anomalias do tempo e do acaso. O restante é recordado em acessos de saudades de três dias, nas festas, onde os filhos cantam as antigas canções, bebem o mesmo vinho e contam as mesmas histórias de outrora em uma linguagem que talvez tenha ido à escola, mas conserva ainda o sal da versão original. Embora praticamente desaparecido, êle é um herói imperecível numa terra de vasto espaço e vasto orgulho.

